



Maluco Beleza: como é, na prática, a produção de um programa feito por usuários da saúde mental¹

Fabiano Fachini²

Ivete Cardoso do Carmo Roldão³

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Resumo:

A pesquisa objetiva demonstrar como é, na prática, a produção do programa *Maluco Beleza*, feito por usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. A metodologia utilizada foi composta pela descrição dos programas exibidos durante os cinco primeiros anos de existência; observação do processo de elaboração de oito edições do programa *in loco* e entrevistas semi-estruturadas com um profissional da saúde, o jornalista responsável e quatro usuários. Os resultados obtidos demonstram que o programa apresenta uma pluralidade de temas, o que expressa a liberdade na escolha dos assuntos; reflete a identidade dos próprios usuários, ao colocar em evidência a problemática da saúde mental; aponta uma nova visão no modo de tratar os pacientes da saúde mental em uma luta constante pelos direitos humanos e combate ao preconceito; contribuindo, assim, para o resgate da cidadania desses usuários.

Palavras chave: comunicação; rádio; saúde mental; cidadania.

Introdução:

Até a implantação da República, em 1889, o tratamento de pacientes da saúde mental implicava tortura e maus tratos:

O tratamento da loucura, por décadas, implicava intervenções físicas aplicadas diretamente no corpo do doente: sangrias, banhos, purgativos, eletrochoques, inalações, lobotomias... Sem o desenvolvimento científico que resultou nos mais avançados psicofármacos, os pacientes agressivos e desobedientes eram trancafiados em solitárias, amarrados pelos pés e mãos, presos pela camisa de força ou eram submetidos a métodos até então infalíveis

¹ Trabalho apresentado na Sessão Comunicação audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno do 7º semestre de Jornalismo da PUC-Campinas e bolsista de Iniciação Científica (FAPIC/PUC-Campinas). Endereço eletrônico: fabianofachini@yahoo.com.br

³ Jornalista e Mestre em Educação pela PUC-Campinas e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e orientadora deste trabalho de Iniciação Científica. Endereço eletrônico: carmo-roldao@puc-campinas.edu.br



para a contenção: o eletrochoque e a lobotomia. (MASCARENHAS, 1999, p. 21).

Ainda no início do século XX, os portadores de doença mental eram excluídos da sociedade brasileira e confinados nos pátios de manicômios durante anos, envelhecendo dentro dessas instituições, perdendo os direitos e a qualidade de vida. Passos (1975) conta que no ano de 1917 existia apenas um hospital de psiquiatria em São Paulo, o Hospital do Juqueri, mantido pelo Governo do Estado. Campinas não possuía nenhuma instituição de tratamento para doentes mentais, assim, eles eram remetidos às cadeias públicas da cidade.

Em Campinas existia um certo número de doentes recolhidos nos porões da cadeia local, vivendo como bichos e pelo fato supersticioso de que o contato com eles poderia transmitir a doença, ficavam sem tomar banho, sem fazer barba e cortar o cabelo, sem trocar de roupa e sem tratamento, enquanto esperavam vaga no Juqueri. (PASSOS, 1975, p.7).

Uma sociedade filantrópica criada em 1917 inaugurou, sete anos mais tarde, em 1924, o “Hospício de Dementes de Campinas”. Na década de 40, o nome da instituição mudou para “Sanatório Dr. Cândido Ferreira” e, desde 1990, a instituição passou a se chamar “Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira”. Até então, os direitos humanos eram negados aos portadores de transtornos mentais que recebiam tratamentos na instituição:

Negava-se às pessoas que ali se tratavam qualquer direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. Dessa forma, as pessoas internadas no Candido Ferreira, na maioria dos casos abandonadas pelos familiares, passavam os dias excluídas e ali envelheciam, sem direitos de cidadãos e sem um tratamento digno, impedidas do convívio social e familiar. Na maioria das vezes, a alta só se dava pela morte do interno. (CARMO-ROLDÃO & MOREIRA, 2007, p.72).

O ano de 1990 marcou o início de uma nova história para o recém denominado “Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira”. Um convênio de co-gestão com a Prefeitura Municipal viabilizou a troca de dirigentes, a adoção de uma nova forma de cuidar dos usuários da saúde mental e deu novos rumos ao tratamento psiquiátrico em Campinas.



Entre as mudanças, pode-se destacar que: as grades foram tiradas, as portas foram abertas, foi abolido o uso da camisa de força, do eletrochoque, das punições, das celas-fortes, e também, o uso indevido de medicamentos. Segundo Carmo-Roldão & Moreira (2005a, p.97), “a forma mais humanizada de tratamento deu início ao processo de desospitalização dos internos e a capacitação deles e da sociedade, para um possível convívio social”.

Com a Reforma Psiquiátrica⁴ em andamento e com o novo modelo de gestão do “Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira”, novas alternativas de tratamentos foram implantadas, tanto para a melhoria da saúde dos pacientes como para a ressocialização e a inclusão social dos usuários. Assim, muitos descobriram o paradeiro dos familiares e alguns voltaram a viver com eles. Além disso, hoje a instituição oferece casas localizadas nos bairros de Campinas que funcionam como “repúblicas mistas”, onde os antigos “internos” têm maior autonomia, participação e convívio em sociedade.

Atualmente, a minoria dos usuários é interna. Na instituição são oferecidas diversas oficinas, entre elas: vela, agricultura e jardinagem, serralheria, marcenaria, mosaico, papel reciclado, gráfica, vitral, culinária e comunicação. É o desenvolvimento de uma dessas oficinas – a de rádio –, iniciada em 2002, cujo resultado é o programa *Maluco Beleza*, o objeto desta pesquisa de Iniciação Científica.

Objetivos:

A experiência do programa de rádio *Maluco Beleza*, produzido pelos usuários do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, veiculado, desde 2002, pela rádio Educativa de Campinas, cuja concessão pertence à Prefeitura Municipal, representa uma forma eficiente de comunicação comunitária e popular, que:

encerra uma crítica da realidade e um anseio de emancipação, na luta por uma sociedade justa. Como produto de uma situação concreta, seu conteúdo, nos últimos anos, é essencialmente configurado por denúncias das condições reais de vida, oposição das estruturas de poder geradoras de desigualdades, estímulo à participação e à organização, reivindicações de acesso a bens de consumo coletivo, etc. (PERUZZO, 1998, p. 125).

⁴ Segundo Fernandes (2005), em reportagem da revista “Desafios”, a Reforma Psiquiátrica defende “o reconhecimento dos direitos fundamentais dos portadores do sofrimento mental, enquanto pessoas e cidadãos, e o respeito à vida e à convivência na diversidade” (p.69).



Partimos do pressuposto que em tal programa é desenvolvido um processo de educação informal que contribui para o exercício da cidadania. A experiência representa uma possibilidade de reinserção social desses usuários na sociedade e pode revelar a importância da comunicação no tratamento de portadores de transtornos mentais. Assim, nosso objetivo principal é demonstrar, na prática, a experiência dos pacientes que, pela primeira vez, falam em um meio de comunicação, sem interferência direta de jornalistas profissionais. Para tanto, objetivamos descrever como se dá o processo de produção, gravação e edição do programa; observar como é a relação entre os próprios usuários/locutores e entre eles e a coordenação do programa; verificar em que medida esse exercício de comunicação pode contribuir para melhorar a saúde mental dos usuários participantes e, finalmente, demonstrar como o rádio pode ajudar na reinserção social, contribuindo assim, para ampliar a condição de cidadão de um setor excluído da sociedade.

Metodologia:

A pesquisa teve início com o levantamento bibliográfico sobre história do rádio FM no Brasil, conceitos de cidadania, rádio educativa e comunitária, educação informal, história dos manicômios no Brasil e do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, reforma psiquiátrica, relações do rádio com o poder e com a cultura, etc.

Paralelamente ao levantamento bibliográfico, foi feita a audição e descrição de 98 edições do *Maluco Beleza*, produzidas pelos usuários integrantes do projeto - que foram ao ar de março de 2002 a março de 2007-, elaborando assim, um painel histórico dos cinco anos de produção. Os programas foram catalogados por data e tema. Foi feita, também, a descrição de cada um deles em fichas que contêm a identificação completa, o nome dos entrevistados e assunto, as músicas utilizadas, os autores dos depoimentos, assunto das enquetes, e os créditos.

A cada mês são produzidas as edições do *Maluco Beleza* do mês seguinte, sendo que as pautas são discutidas na primeira semana, as enquetes são gravadas na segunda, as músicas são escolhidas na terceira e a gravação é feita na última semana.

Entre os meses de setembro, outubro e novembro foram realizadas sete visitas ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Sosas, distrito de Campinas, para observar a produção do programa.



A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. (LAKATOS & MARCONI, 1991, p.190).

As visitas tiveram como objetivo conhecer de perto o trabalho realizado pela equipe de usuários, com o acompanhamento dos profissionais: uma jornalista responsável, uma estagiária de comunicação e um colaborador, também jornalista. Por meio delas foi possível, também, observar o comportamento e o perfil dessas pessoas de diferentes idades e com projetos, objetivos e problemas diversos.

No mês de março de 2008 foram realizadas mais três visitas de acompanhamento. Desta vez foi feita a observação da reunião de pauta, da escolha das músicas e da gravação dos cinco programas do mês de abril. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com um profissional da área de saúde do próprio Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, um jornalista que acompanha a produção do programa e quatro usuários sorteados entre os que compõem a equipe.

Painel histórico: cinco anos de produção:

Desde 1995, quando foi implantada a Assessoria de Comunicação no Cândido Ferreira, diversas experiências de comunicação vêm sendo desenvolvidas juntamente com os usuários. De acordo com Moreira (2001), o objetivo é buscar desmistificar o conceito de loucura na sociedade. “A missão de fazer chegar a mensagem compartilhada, acessível, inteligível, sem cair no discurso infantilizado, ou beirando o imbecilizado, é uma das missões da Comunicação em Saúde Mental” (p.151).

O primeiro produto em comunicação desenvolvido pelos usuários do Cândido foi o “Jornal Candura – Espaço aberto para um novo pensamento”⁵, que é publicado até hoje. Em 2003, os usuários realizaram oficinas de fotografia e TV, sendo que esta última resultou em um vídeo gravado e narrado pelos próprios usuários, com o objetivo de mostrar o dia-a-dia do Cândido Ferreira.

⁵ O jornal “Candura” é produzido pelos usuários e pela assessoria do Cândido Ferreira e circula mensalmente nas casas de reabilitação da Instituição.



O programa de rádio *Maluco Beleza* transmitido pela Rádio Educativa, de Campinas, estreou em 10 de maio 2002⁶. Produzido e apresentado pelos usuários do Cândido Ferreira, o *Maluco Beleza* se propõe a ter um caráter jornalístico ao tratar um tema central ligado ao interesse do coletivo de pessoas envolvidas em sua elaboração.

Nos primeiros três anos o programa *Maluco Beleza* teve uma hora de duração e era veiculado no dia 10 de cada mês, às 10h, com reprise às 22h. Em junho de 2005, o programa passou a ter meia hora de duração e a ser veiculado semanalmente, todas as terças-feiras, às 10h, com reprise às 22h. A partir de novembro de 2007, o programa deixou de ser reapresentado às 22h. O programa possui uma estrutura básica desde a sua criação. Com a mudança no tempo do programa, a estrutura foi alterada, mas os quadros permaneceram os mesmos, com características próprias que são desenvolvidas a partir do tema de cada edição.

A “Abertura” é feita por um dos usuários que informa o nome do programa e o tema que será abordado. Muitas vezes, além de anunciar o tema, o “locutor” aproveita para mandar recados para os ouvintes ou, ainda, dar sua opinião sobre o tema.

A “Opinião” caracteriza-se pelo posicionamento do usuário frente ao tema em questão. Nesse momento, ele faz um julgamento do assunto a partir dos conhecimentos e da experiência de vida que possui. Muitas vezes, são severos e rígidos nas críticas.

O “Depoimento” é feito por alguém da equipe do *Maluco Beleza* e por outros usuários que freqüentam o Cândido Ferreira. Na maioria das vezes, os usuários contam experiências de vida e falam de casos de preconceito contra pacientes de saúde mental.

A “Entrevista” sobre o tema do programa é conduzida por um dos usuários e dura, em média, seis minutos. As perguntas são formuladas por eles próprios, algumas vezes, com a ajuda dos profissionais. Pode ser gravada no estúdio ou em outro ambiente.

O “Novos Talentos” é um quadro de humor e de integração do *Maluco Beleza*. Neste quadro, a equipe do programa e outros usuários do Cândido são convidados a mostrar suas habilidades com versos e músicas.

A “Roda da Fofoca” é realizada normalmente por dois usuários. Neste quadro, os usuários falam e fazem brincadeiras sobre as celebridades da TV, cantores e bandas.

⁶ O programa foi criado a partir de uma idéia da orientadora desta pesquisa de Iniciação Científica, Ivete Cardoso do Carmo Roldão, na época diretora da Rádio Educativa, e de Reginaldo Moreira, ex-assessor de Comunicação do Cândido Ferreira.



No quadro “O Povo Fala”, o usuário sai às ruas para fazer enquetes com a população. Nas enquetes, o usuário faz a pergunta pré-estabelecida na reunião de pauta, mas, muitas vezes, vai além desta pergunta e questiona a resposta do entrevistado.

As músicas do programa sempre são relacionadas ao tema abordado. Em média três ou quatro músicas são tocadas no decorrer do programa.

A partir das descrições dos programas realizados neste período de cinco anos, pôde-se observar que o *Maluco Beleza* se caracteriza por tratar de temas relacionados aos interesses dos usuários, temas ligados aos direitos humanos, à política e aos interesses sociais da comunidade. Além disso, os usuários debatem temas de abrangência regional, nacional e internacional, como em 2003 quando estiveram presentes em Brasília para o lançamento do projeto "De volta para casa", do governo federal, para os portadores de transtorno mental; também em 2003 quando abordaram a questão da Guerra no Iraque e em 2004 quando falaram sobre a morte do Prefeito Toninho⁷, de Campinas.

Entre outros temas abordados estão: dependentes químicos, stress e qualidade de vida, eleições e cidadania, preconceito, meio ambiente, AIDS, Terceiro Fórum Social Mundial, carnaval, arte e reabilitação psicossocial, violência, esperança, terrorismo, festas juninas, crianças, folclore, mulheres, 20 anos da democracia no Brasil, amor, comunicação alternativa, rádios comunitárias, maconha, pais e filhos, inclusão social, deficientes, ética na política, obesidade infantil, novas tecnologias e catástrofes naturais.

Além disso, os usuários entrevistaram muitos profissionais de diferentes áreas, como professores, políticos, engenheiros, médicos, e também outros usuários. Como exemplo, podem ser citados os seguintes nomes: Austregésilo Carrano, autor do livro “O Canto dos Malditos” no qual foi baseado o filme “Bicho de Sete Cabeças”, o então ministro da saúde, Humberto Costa e o deputado federal José Genoíno, entre outros.

A Produção do *Maluco Beleza*

Os resultados obtidos, por meio da audição dos programas e do acompanhamento da produção, nos permitem afirmar que a cada pauta debatida, a cada entrevista feita, uma conquista é comemorada pelos “loucutores” do Cândido Ferreira que produzem o *Maluco Beleza*. Esta oficina demonstra uma nova visão no modo de

⁷ O prefeito Antonio da Costa Santos (Toninho) foi assassinado em 10 de setembro de 2001.



tratar os pacientes da saúde mental em uma luta constante pelos direitos humanos e combate ao preconceito, contribuindo, assim, para o resgate da cidadania desses usuários. É importante aqui, destacar o conceito de cidadania que esta pesquisa utiliza:

Cidadania é a participação dos indivíduos de uma determinada comunidade em busca da igualdade em todos os campos que compõem a realidade humana, mediante a luta pela conquista a ampliação dos direitos civis, políticos e sociais, objetivando a posse dos bens materiais, simbólicos e sociais, contrapondo-se à hegemonia dominante na sociedade de classes, o que determina novos rumos para a vida da comunidade e para a própria participação. (MARTINS, 2000, p.116-17).

Para que este conceito se concretize, a comunicação se reveste de fundamental importância. De acordo com Rubim (2003), a cidadania se desenvolve quando há a descentralização do poder e liberdade de expressão, para que as pessoas possam expor suas idéias e conceitos. Para o autor, quando essas atitudes são postas em prática cumpre-se o conceito de cidadania.

A comunicação ao transmitir informações, sem dúvida, aparece como um dos requisitos essenciais para a realização da cidadania [...], pois sem informação livre, plural e disponível, sem um conhecimento consistente do mundo e de seus assuntos, fica inviável a constituição de opiniões legítimas e independentes, porque equacionando interesses e conhecimento; a tomada de decisões genuínas e democráticas, porque orientadas pelo interesse público; a construção de uma segura cultura política com base em valores democráticos; enfim, o exercício satisfatório da cidadania. (RUBIM, 2003, p.111).

Também para Peruzzo (2004), o direito à Comunicação é fundamental para a consolidação da cidadania. A autora enfatiza, ainda, a importância do cidadão não se limitar ao papel de receptor:

As liberdades de informação e expressão postas em questão na atualidade não dizem respeito apenas ao acesso da pessoa à informação como receptor, nem apenas no direito de expressar-se por “quaisquer meios” – o que soa vago -, mas de assegurar o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores – produtores e difusores – de conteúdos. (PERUZZO, 2004, p. 57).

A partir desse conceito, pode-se observar que o *Maluco Beleza* conquistou novos rumos. A equipe do programa viajou para Porto Alegre, em janeiro de 2003, para



a cobertura do III Fórum Social Mundial e, em maio do mesmo ano, fez a cobertura do I Fórum Social Brasileiro, em Belo Horizonte. Além disso, parte dela foi recebida pelo presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, no lançamento do projeto “De volta para a Casa”, destinado a pacientes de saúde mental.

Foi possível observar também que, a partir de cada tema abordado, os usuários têm a oportunidade de questionar a sociedade sobre assuntos polêmicos como política, preconceito, racismo, entre outros. Como exemplo, na edição de julho de 2002, em que o tema foi: “tolerância e convivência com a diferença e o preconceito”. Nesse programa, os usuários fizeram uma crítica severa às pessoas que tratam com desprezo os usuários do Cândido Ferreira.

Pôde-se constatar, ainda, por meio das visitas de acompanhamento, que a produção do *Maluco Beleza* reflete a identidade dos próprios usuários e não a dos profissionais orientadores do projeto. Como exemplo, pode-se destacar o encontro para a produção musical do programa, no qual os usuários optam por músicas do gosto pessoal e, muitas vezes, acabam não usando músicas relacionadas ao tema do programa.

A própria edição dos programas, mesmo sendo feita apenas pelos profissionais, mantém a autenticidade da produção realizada pelos usuários. Com a audição dos programas para a elaboração do painel histórico e, depois, com o acompanhamento de uma edição, ficou claro que esta não realiza alterações ou cortes na fala dos “locutores”.

Durante o acompanhamento feito na produção dos programas não foi observada nenhuma interferência que caracterizasse distorção das idéias dos usuários em relação aos temas abordados. Todas as intervenções se deram na forma de orientação e ocorreram, principalmente, nas entrevistas.

A gravação das entrevistas ocorre de duas formas: no estúdio ou fora dele. Mas, o local da gravação não é tão importante quanto o processo de formulação do roteiro. Segundo a jornalista responsável pelo projeto⁸, alguns usuários pedem ajuda para elaborar as questões, e nesse caso, as perguntas são feitas pela responsável pelo projeto ou pela estagiária.

Tal procedimento pode causar uma desarticulação no processo de produção do programa. Quando as questões são feitas junto ao usuário, há uma possibilidade de crescimento para o mesmo, porém, quando as perguntas são entregues prontas, como

⁸ Em conversa informal, durante a gravação do programa, em 27 de novembro de 2007.



ocorre algumas vezes, impede-se a tentativa do “locutor” estabelecer um diálogo com o tema e com o profissional. Entretanto, mesmo quando as perguntas vêm prontas, os “locutores” questionam a resposta dos entrevistados, assim, percebe-se que o roteiro serve apenas como base para a entrevista, pois eles dificilmente ficam presos a ele.

Durante o acompanhamento da gravação foi observado um caso que pode ser considerado como influência. No programa sobre rádios comunitárias, a usuária apresentou uma opinião crítica acerca do assunto, porém, um pouco desestruturada. O coordenador interferiu dizendo que se ela falasse contra as rádios comunitárias estaria indo de encontro à própria proposta do Cândido Ferreira de ter uma rádio comunitária. Na hora da gravação, a “locutora” criou uma linha de raciocínio a partir da orientação do colaborador, porém, não falou apenas sobre o que ele havia orientado. Nesse caso, pode-se dizer que ele interferiu não para colocá-la a favor ou contra o assunto, mas para que ela organizasse de forma compreensível a opinião. No entanto, é perceptível o posicionamento do colaborador:

A gente percebe que muitas vezes eles vêm com uma opinião muito influenciada pela mídia convencional. [...] Na verdade naquele momento eu não ia proibir nada, nem mudar a opinião dela. Quis problematizar para deixar com o entendimento correto do que ela estava falando. E tem gente que está com o entendimento correto e é contra mesmo e falam e aí está tudo certo também.⁹

É importante destacar, também, que foi observada, durante as visitas, uma fragmentação do processo de produção do *Maluco Beleza*. A elaboração do programa, na reunião de pauta, começa de forma riquíssima. No entanto, finalizado esse primeiro encontro, o sentido de unidade do projeto começa a se diluir. Da escolha das músicas, apenas alguns usuários participam.

Além disso, a gravação do programa se aproxima de uma “linha de montagem”, pois cada usuário grava as tarefas que ficaram sob sua responsabilidade na primeira semana do mês. Alguns usuários, ainda, chegam à sala de gravação e perguntam quais atividades precisam fazer, talvez, pelo fato de que muitos não anotam as tarefas estabelecidas em reunião de pauta. É importante ressaltar que os usuários receberam um roteiro apenas na escolha das músicas, na terceira semana do mês. Prontas as gravações, os profissionais as editam, posteriormente, sem a presença dos “locutores”.

⁹ Reginaldo Moreira, em entrevista. Campinas, abril de 2008.



O sentido de “continuidade acompanhada” do projeto pelos profissionais e pelos próprios “locutores” vai se perdendo pelo caminho. Não há, pelo que se pôde observar, um momento em que os usuários se reúnem para conversar sobre o programa produzido ou sobre o resultado do mesmo. Os usuários não entram em contato com o produto final do seu trabalho, a não ser que ouçam a edição semanal pela rádio Educativa. Vale ressaltar que a maioria dos usuários acompanhava a reprise do programa às 22 horas, mas esta deixou de ir ao ar no final de 2007.

Assim, a reflexão sobre o que foi elaborado, após a finalização de cada programa, faz-se necessária para que os usuários compreendam que o programa que produzem não representa apenas o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, mas o contingente dos pacientes de saúde mental de Campinas, que, por meio da equipe do *Maluco Beleza*, conquistaram espaço e reconhecimento na sociedade e na mídia.

Por outro lado, o acompanhamento da produção do *Maluco Beleza* permitiu verificar que existe uma relação de companheirismo e amizade entre os usuários e deles para com os profissionais que acompanham o projeto. Momentos como a divisão de tarefas, na reunião de pauta, demonstraram a colaboração entre a equipe de “locutores”, pois quando ocorre uma “disputa” para realizar a mesma atividade, toda a equipe conversa e opina sobre quem poderia realizá-la com maior facilidade e disponibilidade.

A etapa de produção é outro exemplo, pois os usuários com menor disponibilidade de tempo têm a preferência na ordem de gravação. No bate-papo entre os “locutores” antes de entrar para as reuniões, também fica clara a preocupação dos usuários com colegas que não poderão participar do encontro ou com problemas de saúde. A relação vai além da produção *Maluco Beleza*.

Esse espírito de coleguismo entre os usuários também se repete em relação aos profissionais que orientam o projeto. Antes de começar o encontro, cada um dos profissionais é abraçado e cumprimentado de forma sincera e animada por toda equipe de “locutores”, que pergunta do trabalho dos profissionais, se têm ido ao cinema, enfim, todos se mostram preocupados e interessados pela “pessoa” que se tornou algo a mais que um simples profissional para eles. Percebe-se que, para trabalhar com pacientes da saúde mental, o perfil do profissional precisa ser diferenciado. A sensibilidade e a paciência são virtudes necessárias para conquistar a amizade, a admiração e o respeito dos usuários.



Os dados levantados nesta pesquisa, tanto no que se refere à revisão bibliográfica, quanto à descrição dos programas, apontam que a oficina de rádio tem contribuído para o tratamento médico que os usuários recebem no Cândido Ferreira. Para Carmo-Roldão & Moreira (2005, p.258), “muitos são os benefícios que a comunicação traz aos pacientes. A melhora da auto-estima, a capacitação para falar em público, a maior argumentação, a autonomia para a luta pelos direitos, a participação social de forma mais ampliada”.

Para a psicóloga do Serviço da Saúde Dr. Cândido Ferreira, Heloisa Novaes de Miranda Amaral¹⁰:

Na saúde mental a gente não fala de cura para alguns dos casos. A gente busca a estabilização de um quadro. Esta é uma condição de saúde, eu diria, de estar bem, de estar podendo transitar pela cidade, pelo território da melhor maneira possível. [...] O programa amplia de forma significativa essa construção de rede social. É um momento onde as pessoas podem dizer que como elas estão dentro da instituição, de articular novos papéis de relações.

Em diversos programas descritos foi possível encontrar depoimentos de usuários que declaram ter melhorado após entrar para a equipe do *Maluco Beleza*. Luciano Lira¹¹, que está no projeto desde o início, confirma:

São seis anos na rádio, são seis anos sem crise. [...] A rádio Maluco Beleza tem ajudado bastante na minha saúde. Hoje eu estou curado graças a Deus, embora tome remédio. Mas se Deus quiser, quem sabe daqui uns quatro, três anos eu deixo de tomar remédio e fica melhor ainda, quem sabe 100% da minha saúde mental.

Considerações Finais:

O exercício da cidadania desses usuários começa por meio do rádio, veículo no qual buscam se apresentar para a sociedade: “pela primeira vez esses pacientes falam em um meio de comunicação, de suas vidas, seus problemas, suas potencialidades e conquistas, sem interferência do jornalista profissional”. (CARMO-ROLDÃO & MOREIRA, 2005a, p.92).

O estudo realizado permite afirmar que poucos usuários de saúde mental tiveram, até o momento, acesso a salas de imprensa como esta equipe teve, por exemplo, no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre; a possibilidade de palestrar sobre

¹⁰ Em entrevista, Campinas, abril de 2008.

¹¹ Em entrevista, Campinas, abril de 2008.



“A reinserção social através da comunicação”, na Universidade Federal de Minas Gerais, durante o Fórum Social Brasileiro; ou mesmo, o encontro com um presidente da República.

O reconhecimento do trabalho dos “locutores”, como podemos observar, se dá em diversos níveis e de diversas formas. O rádio trouxe aos usuários a possibilidade de serem reconhecidos enquanto sujeitos históricos e transformadores da realidade. Como afirmam Bessalok & Heitzmann (2003), é preciso dar voz aos ouvintes para mostrar suas dificuldades, mas “também para revelar sua potência, suas possibilidades e inventividades, reconhecendo-se enquanto cidadão, sujeito e transformador do cotidiano” (p.01).

O acompanhamento da produção do *Maluco Beleza* permitiu identificar que todo esse processo de conquista coloca em evidência a problemática da saúde mental e o reconhecimento dos pacientes enquanto cidadãos pela sociedade. Além disso, como afirma Carmo Roldão & Moreira (2005), a própria identidade dos usuários vem sendo redescoberta no desenrolar das atividades em comunicação. “Pessoas que ao se apresentarem como ‘pacientes do Cândido Ferreira’, hoje, com orgulho, se apresentam como ‘repórteres, jornalistas e locutores do *Maluco Beleza*” (p.103).

A garra com que esses “locutores” buscam construir sua cidadania e realizar a desmistificação da loucura na sociedade é um exemplo concreto, não só para outras instituições que trabalham com a saúde mental, mas para todos aqueles que em suas comunidades lutam pela igualdade social e contra o preconceito. É um exemplo, também, de como a comunicação pode ser usada no processo de transformação social.

Referências Bibliográficas:

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan & HEITZMANN, Patrícia Zanin. *Radiojornalismo e subjetividade: Em busca de vozes singulares*. XXVI Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-BH, 2003.

CARMO-ROLDÃO, I. C. & MOREIRA, Reginaldo. Experiências no Rádio Brasileiro com Usuários da Saúde Mental. *In II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos, Porto, 2005*. Jornalismo Ciência e Saúde. 2005. p. 254-260.

_____. *Maluco Beleza: a reinserção social através do rádio*. *In Comunicação Alternativa - Cenários e Perspectivas*. Bruno Fuser (Org.). Campinas: CMU-Unicamp/ Puc-Campinas, 2005a, v., p. 91-108.



_____. Um jornalista na loucura, despertando loucos por jornalismo. In *A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano II*. MERHY, Emerson E.; AMARAL, Heloisa (org.). São Paulo, Hucitec, 2007. p. 67-81.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3ª. ed., São Paulo: Atlas, 1991.

MARTINS, Marcos F. *Uma “catarsis” no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania como valor ético-político*. Phrónesis, v.2, n°2, p. 106-118. jul/dez., Campinas: Puc-Campinas, 2000.

MASCARENHAS, Andréia. *Excluídos da história – 75 anos do serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira*. Campinas, 1999.

MOREIRA, Reginaldo. Comunicação e reabilitação psicossocial. In *A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano*. HARARI, Angelina & VALENTINI, Willians (org.). São Paulo, Hucitec, 2001. p.137-155.

PASSOS, B. da C. *Retrospecto da vida do Sanatório Dr. Cândido Ferreira (Ex-hospital de Dementes de Campinas)*. Dados de 1917 a 1973. Campinas: Palmeiras, 1975.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. In: *Comunicação pública*. OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). Campinas: Alínea, 2004.

RUBIM, Antonio A.C. Cidadania, Comunicação e Cultura. In PERUZZO, Círcia M.K. & ALMEIDA, Fernando F. (org.) *Comunicação para a Cidadania*. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003, p. 100-114.